

# AQUI DANÇAR

– sobre a Mostra Solar

*Francisco Mallmann*

# AQUI DANÇAR – SOBRE A MOSTRA SOLAR

Francisco Mallmann

*He falls; but even in falling  
he is higher than those who  
fly into the ordinary sun*

Frank O'Hara

*Não posso me impedir de pensar numa crítica  
que não tentaria julgar, mas procuraria fazer existir  
uma obra, um livro, uma frase, uma ideia. (...)  
Ela multiplicaria não juízos, mas **sinais de vida**.*

Michel Foucault

**O que isto é:** um texto plotado em um caminhão em direção a Araraquara, uma carta de amor fantasiada de bilhete de suicídio, uma recomendação para dias em que o sol não aparece, uma recomendação para dias em que se espera o sol aparecer, palavras tiradas do interior de órgãos que sangram. Uma dramaturgia crítica. Uma dramaturgia. Uma crítica.

**O que isto não é:** um *outdoor*.

**Público alvo:** não miro em ninguém, especificamente. Quando joguei dardos na infância não acertei nenhum. “Ele é péssimo em jogos de alvo”, diziam meus primos, que em uma ocasião fizeram meu corpo de alvo.

**Uma consideração:** esse texto só existe porque Alessandra Lange, Fábio Tavares, Gabriel Machado, Gládis Tridapalli, Juliana Adur, Lívea Castro, Marila Velloso e Volmir Cordeiro existem. Esse texto só existe porque Alessandra Lange, Fábio Tavares, Gabriel Machado, Gládis Tridapalli, Juliana Adur, Lívea Castro, Marila Velloso e Volmir Cordeiro dançam. Esse texto só existe porque eu os vi dançar. Esse texto existe porque existe no interior dos meus olhos a Mostra Solar 2018.

**Uma lembrança:** a professora Alice dizendo “não se esqueçam de respirar”.

**Aviso:** esse texto são oito trabalhos e dez dias de convivência, esse texto é a calçada do Largo da Ordem e ele às vezes tem o contorno do rosto de uma mulher que vende brincos em frente a Casa Hoffmann (eu não sei o seu nome, eu nunca perguntei o seu nome e isso é um indício sobre a crítica de arte).

**Sobre o que, exatamente, isto é:**

Todos os textos serão questionados sobre suas existências. O que eles são, a quem se endereçam, qual seu destino, como devem ser usados, qual a hora exata de descartá-los.

alguns vão se perguntar qual a *efetividade* do texto

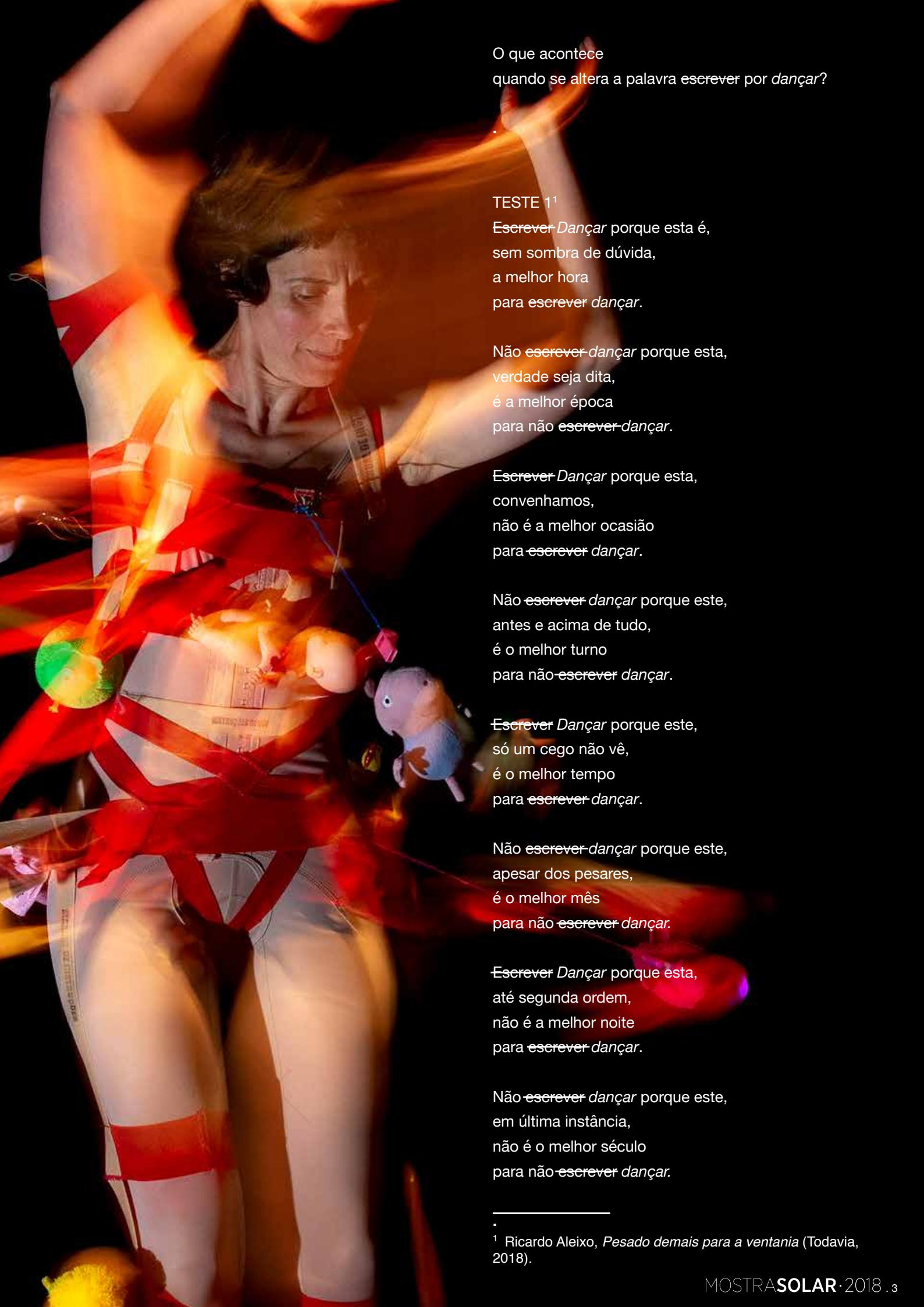
No interior dos textos existem corpos.

Nesse texto os corpos dançam.

Escrever como quem se move *espacialmente*  
Dançar como quem revisa *textualmente*

Todas as danças serão questionadas sobre suas existências. O que elas são, a quem se endereçam, qual seu destino, como devem ser usadas, qual a hora exata de descartá-las.

alguns vão se perguntar qual a *efetividade* da dança

A photograph of a woman in a red and white striped leotard dancing with a small child in a costume. The woman is in the foreground, smiling and looking down at the child. The child is wearing a costume with a large white bow and a small hat. The background is dark, and the scene is lit with warm, glowing light.

O que acontece  
quando se altera a palavra *escrever* por *dançar*?

### TESTE 1<sup>1</sup>

*Escrever* *Dançar* porque esta é,  
sem sombra de dúvida,  
a melhor hora  
para *escrever* *dançar*.

Não *escrever-dançar* porque esta,  
verdade seja dita,  
é a melhor época  
para não *escrever-dançar*.

*Escrever* *Dançar* porque esta,  
convenhamos,  
não é a melhor ocasião  
para *escrever* *dançar*.

Não *escrever dançar* porque este,  
antes e acima de tudo,  
é o melhor turno  
para não *escrever dançar*.

*Escrever* *Dançar* porque este,  
só um cego não vê,  
é o melhor tempo  
para *escrever dançar*.

Não *escrever-dançar* porque este,  
apesar dos pesares,  
é o melhor mês  
para não *escrever dançar*.

*Escrever* *Dançar* porque esta,  
até segunda ordem,  
não é a melhor noite  
para *escrever dançar*.

Não *escrever dançar* porque este,  
em última instância,  
não é o melhor século  
para não *escrever dançar*.

---

<sup>1</sup> Ricardo Aleixo, *Pesado demais para a ventania* (Todavia, 2018).

## TESTE 2<sup>2</sup>

desistir de *escrever dançar* se parece mais com *escrever dançar* do que desejar ter *escrito dançado*. desistir de *escrever dançar* se parece mais com *escrever dançar* do que com desejar ter *escrito dançado*. não existe *escrever dançar* muito ou pouco. nem *escrever dançar* sempre. *escrever dançar* só se parece de fato com *escrever dançar*. *escrever dançar* por dentro ou por fora, lento ou rápido, alto ou baixo, seco ou úmido? não existe. como não existe *escrever dançar* menos ou mais, bastante, suficiente. *escrever dançar* lembra o desejo de desaparecer. lembra um pouco, não muito. porque não existe desaparecer muito ou pouco. existe desejar desaparecer no que não se *escreve dança* a cada fração de segundo. existe o tempo de *escrever dançar* – mas não o contrário disso. desejar ter desaparecido, não ter vindo, não existir. isso existe. existe desaparecer a cada palavra que se *escreve dança*. desejar nunca ter *escrito dançado* não é o mesmo que desistir de *escrever dançar*. existe o que se *escreve dança* – só o que se *escreve dança*, só porque se *escreve dança*. desejar *escrever dançar* se parece mais com desejar ter vivido do que com viver. ter *escrito dançado* ainda não existe. o instante em que efetivamente se desaparece jamais poderá ser *escrito dançado*. existe a sombra do movimento da mão que se nega a *escrever dançar*. e talvez exista isto: isso que não se cansa de nunca ter chegado.

Se você já leu Gertrude Stein escrevendo sobre Isadora Duncan dançando.

Se você já leu Gertrude Stein dançando sobre Isadora Duncan escrevendo.

Se você já dançou Gertrude Stein escrevendo sobre Isadora Duncan lendo.

Se você já dançou Gertrude Stein lendo sobre Isadora Duncan escrevendo.

Se você já escreveu Gertrude Stein dançando sobre Isadora Duncan lendo.

Se você já escreveu Gertrude Stein lendo sobre Isadora Duncan dançando.

Eu vi a Luci Collin lendo a tradução que ela fez de Gertrude Stein escrevendo dançando com Isadora Duncan.

Isso aconteceu em Curitiba.

*Orta ou alguém dançando*

<sup>2</sup> Ricardo Aleixo, *Pesado demais para a ventania* (Todavia, 2018).



Identificar as tatuagens, contar as tatuagens, medir as distâncias entre as tatuagens  
é um jeito de fruir a obra

Perceber a cicatriz e permanecer atento sobre a maneira com que a cicatriz se move  
é um jeito – um outro jeito – de fruir a obra

Fazer da diferença dos corpos, da imensa diferenciação dos corpos o motivo, a consequência e o meio de fruição.

Discutir *linguagem*.

### O que te dizem esses nomes

. Amanhã Foi Cancelado . Céu . Mãe – Um Ensaio  
Sobre Ela . Maria Samambaia Palestra . Mil Besos .  
Peixe-espada – Como Sobreviver Em Alto Mar . Preset  
. Vilosidade .

Os nomes designam fenômenos e *coisas*, etc.  
Se existem nomes provavelmente existem as *coisas*, etc.

A Casa Hoffmann lotada, todos os dias a Casa Hoffmann lotada. Beijos e beijos e beijos. As pessoas se abraçam. E se reconhecem. Eu olho para a dança antes da dança. Eu olho e vejo as pessoas se procurando. Dando as mãos. Dançando a espera, dançando as senhas.

Dançar enquanto Encontrar.

Que bom foi ter um lugar para ir no dia 29.

imagem em movimento>  
uma cabeça de papel gigante evocando uma multidão  
em uma língua incompreensível

Encontrar maneiras *claras* de escrever sobre arte  
atormentou muitas pessoas durante séculos.

Há quem tenha, de fato, enlouquecido tentando capturar o estético *em palavras*.  
Inúmeros relatos atravessam os séculos.  
Nunca perder de vista as impossibilidades, as parcialidades, as *escolhas*, as insuficiências.  
Nunca perder de vista que *nenhuma* escrita *dá conta*.  
Nunca perder de vista que *dar conta* não existe.

tencionar o sentido é *muito diferente de*  
tencionar o músculo é *muito diferente de*  
tencionar o sentido é *muito diferente de*  
tencionar o músculo

Chão de pedra, corpo humano.  
Arrastar corpo, ser pedra.  
Uma pedra no meio das pernas, equilibrando pedra no meio das pernas.  
Mulher com pedra: quantas imagens? Que pólo sensível - - - - ?

Escrevo para mulheres que se agarram a pedras, que se vinculam a matéria pedra.

Também escrevo para as pedras.

Pensar no muro, no castelo, no edifício,  
Pensar em coisas que não tem pele e  
ver melhor a Lívea, ela e a pedra,

Para a mulher que decide olhar a pedra.

Tirar dos olhos as imagens que embrutecem,

Para a mulher que se afasta da pedra, que se aproxima de gente, que é gente assistindo pedra,  
que: de repente,  
é público,

Obra dissolvida: obra desenpedrada, oscilação mística-material,

pulso de pedra,  
peito de pedra,  
poro de pedra,  
pé de pedra,  
pescoço de pedra,  
tudo muito mais pele

Você também sentiu que atentaram contra você, que se corre riscos, agora. Você também sentiu que tudo mudou, que não se anda como se estava andando. Você também não sentiu o infinito. Você também precisou recolher poses, talvez para permanecer viva, talvez para aprofundar a vida – viver mais. Você também oscilou humores, deixou de entender tudo o que era claro (*claro*). Você também viu a importância e a desimportância assumirem os mesmos contornos diante de ti – você viu que se fundiram se confundido. Palavras escritas em um papel há dez anos – *falar sobre coisas difíceis*. “O mundo não nos é dado”, “O corpo que dança não dança sozinho”. Se fosse outro dia você também dançaria outra dança, você iria ali atrás, tiraria a roupa, cabeça de samambaia, tudo virado em verde. Você também fechou os olhos para lembrar-se da vida como era antes. Você também veio para conversar sobre questões que te interessam. Como entender uma escolha que surge, como lidar com isso que é uma escolha, aceitar essa escolha. **COMO LIDAR COM A FALTA DAQUILLO QUE NÃO FOI ESCOLHIDO.** Gladis: o gesto radical desfazimento da obra desfazimento de si do desfazimento da feitura se fazendo em frente a mim se des/////////Gladis, eu te dou um abraço.

“É legal o que você escreve, mas não dá para usar no *clipping*”

“Não dá para saber se você gostou ou não”  
“Penso que você deveria se esforçar um pouco para ser mais *claro*”

A resistência da arte, não sendo **somente** uma resistência política ou social, é sempre uma resistência ao totalitarismo, à possibilidade de ser pensada

como emanação de um destino ou como parte de um organismo. Essa resistência da arte ao totalitarismo, podemos dizer-lo na fórmula de Malraux, “a arte é um antifestino”, o que permite expor a simultânea separabilidade e inseparabilidade da poesia e das outras esferas da existência, e ver nesse particular modo de conexão a sua condição de possibilidade<sup>3</sup>.

Mais do que constatar o cancelamento do amanhã, seria o caso de *criar um amanhã* na aparente improbabilidade  
: como seria essa dança?

Eu suplico-vos  
fazei qualquer coisa  
aprendei um passo  
uma dança  
alguma coisa que vos justifique  
que vos dê o direito  
de vestir a vossa pele o vosso pelo  
aprendei a andar e a rir  
porque será completamente estúpido  
no fim  
que tantos tenham sido mortos  
e que vós viveis  
sem nada fazer da vossa vida<sup>4</sup>.

Elke, eu queria perguntar: *o que vocês pensam enquanto dançam?*  
queria perguntar no que pensaram enquanto dançaram aqui, agora,  
na Hoffmann, em Curitiba, nesses dias, nesse tempo,  
nessa vida,  
com tudo o que está acontecendo

Elke, eu queria saber no que pensaram dançando lado a lado, um  
com o outro, uma com a outra, na mesma mostra, na  
mostra  
solar

<sup>3</sup> Silvina Rodrigues Lopes, *Persistência da obra* (Assírio & Alvim, 2011).

<sup>4</sup> Charlotte Delbo, *Auschwitz et après* (Imprensa da Universidade de Yale, 1970).



Elke, eu queria saber o que pensam esses corpos que dançam,  
você acha que essa pergunta é idiota?

Quando você vê um trabalho você pensa em História da Arte História da DaNçA você pensa em Biografia você pensa na Geometria na Sociologia na Filosofia quando você vê um Trabalho você pensa em Problemas em Respostas em Supermercados Aeroportos ou Salas de Aula Quando você Vê um trabalho você pensa em Espelhos Caixas Pretas Desinfetantes ou Diagnósticos Quando você vê um trabalho você pensa em Palavras em Geografias em Nomes em COLONIALIDADES FUNDANTES E ININTERRUPTAS ou Produtos para Cabelo quando Você vê um Trabalho você pensa em Virtuosismo em Virtualidade em Virilhas ou Vibradores quando você vê Um trabalho você pensa em Categorias da Arte em carteiras de Trabalho em Vistos permanentes em Racismo Estrutural e Sistemático ou em Teses ou em Testes quando você vê um trabalho você pensa em quantos graus de Miopia você tem você pensa em quantos graus de Miopia tem quem dança e mesmo assim você vê o trabalho Quando você vê um trabalho às vezes você não pensa você Sente você vai fumar um Cigarro,

é preciso registrar, para que exista contexto, interlocução, documento, imagem, volume, pesquisa: você não queria que fosse assim, tudo bem: nós nos manteremos ativas&atuantes

existem teses sobre dança e registro, como se dança e como se registra,  
como se pode dançar e como se pode registrar  
jeitos

ela também acha que vai ser preciso pensar um pouco mais sobre *jeitos* de nomear um solo, porque ela chegou a conclusão de que um solo não nomeia a pluralidade de muitos artistas

para saber sobre a realidade procure um *jornal*, minto:  
procure o dono da banca,  
se ainda existir

A dança como uma plataforma de visibilidade de corpos brancos: ainda, em sua maioria. De que modo – enquanto comunidade – os nossos esforços se engajam na diminuição das distâncias, na restituição de espaços, no interrompimento dos genocídios?

O que isso tem a ver com arte? O que isso tem a ver com curadoria?

O que isso tem a ver com editais?

O que isso tem a ver com instituição? O que isso tem a ver com dança?

O que isso tem a ver com a Mostra Solar  
?

muito bonito o *poeminha*  
mas e então  
você vai dizer alguma coisa  
mais concreta  
vai escrever alguma coisa  
que diga concretamente  
alguma coisa

TESTE NÃO NUMERADO  
muito bonito o *poeminha*  
mas e então  
você vai dizer alguma coisa  
mais concreta  
vai escrever *dançar* alguma coisa  
que diga concretamente  
alguma coisa

quando línguas foram (são) despedaçadas no brasil,  
quando corpos foram (são) assassinados no brasil,  
quando vozes foram (são) silenciadas no brasil,  
quando discursos foram (são) interrompidos no brasil,

danças também foram (são) despedaçadas  
assassinadas silenciadas interrompidas?

Corpos desaparecidos são danças desaparecidas?

Corpos torturados são danças torturadas?



Penso em Conceição Evaristo, que desenvolveu o conceito *escrevivência*.

Retorno a questão já apresentada: o que acontece quando se altera a palavra *escrever* por *dançar*?

*Dançavivência*.

qual medida métrica marca mensuração medição  
medição modelo  
para alcançar o que se almeja alcançar

Como se dança \_\_\_\_\_?

talvez você não veja mas isso é uma *samambaia* muito vistosa muito frondosa é mesmo linda

Como fica o gesto inegociável de ser ético?  
Como fica o inegociável gesto de ser ético?  
Como fica o ético inegociável de ser gesto?  
Como fica o ser ético de gesto inegociável?

Na saída de alguma das apresentações escuto alguém dizer atrás de mim “as pessoas precisam dançar o que elas realmente são”. Olho para trás na tentativa de descobrir quem fez esse comentário e não identifico. Não sei quem disse que as pessoas precisam dançar quem elas realmente são. Quem realmente é você?

Se você tentar resolver esteticamente um problema que não é estético você vai mascarar o problema. Você tem que surpreender o seu corpo continuamente para se afastar do clichê.

O clichê é o capitalismo na linguagem evidente. Não é questão de limpar os clichês da página para poder escrever, mas de limpar o corpo e suas ramificações do

automatismo involuntário dos confortos<sup>5</sup>.

Inventar um corpo que sobreviva. Inventar um corpo para si.

Se inventar sobrevivente. Dançar, não ter morrido.

Olhar para a cena da cidade: Olhar para a cidade cena: Compreender as limitações de um projeto: Encontrar novas maneiras de contemplar urgências: Amparar, agora, corpos em vulnerabilidade:

“Eu acho que mais do que uma questão geracional, eu vi marcadores de classe sendo dançados”.

Com quem você não é comunidade? Com quem você não dança?

Quem a sua dança não dança?

Antes de julgar o outro, devemos ter algum tipo de relação com ele. Tal relação vai fundar e fundamentar os juízos éticos que finalmente fizemos. De alguma maneira, teremos de fazer a pergunta “Quem és?”. Se nos esquecemos de que estamos relacionados àqueles que condenamos, mesmo que *devamos* condená-los, perdemos a chance de ser eticamente educados ou “interpelado” pela consideração de quem são e o que sua individualidade diz acerca da gama de possibilidades humanas existentes, e ainda de nos preparar contra ou a favor dessas possibilidades. Também nos esquecemos de que julgar o outro é um modo de interpelação: até mesmo as punições são declaradas, muitas vezes transmitidas, diante do outro, exigindo sua presença física<sup>6</sup>.

<sup>5</sup> Reuben, *Um pensamento estranho atravessa o meu crânio e desce até as entradas* (Luna Parque Edições, 2018).

<sup>6</sup> Judith Butler, *Relatar a si mesmo - crítica da violência ética* (Autêntica, 2015).





*O encontro com o outro realiza uma transformação do si mesmo da qual não há retorno<sup>7</sup>.*

Onde você mora?

Alguns trabalhos vibram menos. Alguns trabalhos olham mais perto do teu olho. Alguns trabalhos tem hálito mais próximo. Agora descreva um *descompasso*:

Frank O'Hara era poeta, crítico e curador de arte. Ele morreu atropelado por um automóvel em uma praia em Fire Island. Tinha sol. O corpo dele foi atropelado por um automóvel. Ele era *viado*. No caderno encontrado com ele estava escrito:

*Ele cai; mas mesmo em queda  
Ele está mais alto do que os que  
Voam ao sol ordinário*

**solar** do verbo **sol**

Charlotte Delbo foi uma poeta francesa, sobrevivente dos campos de concentração nazista, onde foi presa como prisioneira política (ela não era judia). O corpo dela foi preso. Ela foi presa. Seu marido foi fuzilado. No poema *Oração aos vivos para que sejam perdoados por estarem vivos* ela suplica aos vivos que aprendam a dançar.

Não perder de vista a noção de pesquisa, a noção de processo. Como se disse na conversa: uma dança que se permita fracassar. Uma dança que ouse não acertar. O nosso corpo é também resultado de políticas públicas que possam amparar um corpo que erra  
(seja lá o que errar for).

“Quizás la revolución está en sus cuerpos y yo no la vea”<sup>8</sup>

Você vai se lembrar do que aconteceu em outubro de 2018 e é por isso que

Não vou citar o nome dele Vou citar os nossos Não vou citar o nome dele Vou citar os nossos

TESTE 3<sup>9</sup>

*Escrever Dançar* é saltar para fora do mundo dos assassinos.

(“Assassinos são os que repetem o curso habitual do mundo, a vida infeliz tal e qual ela é”<sup>10</sup>)

Eu vi uma mulher dançando no fundo do mar. Juliana Adur.

fila do banheiro ele perguntou você é *viado*? o outro consternado pela pergunta sem aviso disse *como assim? por quê?* ele respondeu você *tem corpo de viado*

corpo de \_\_\_\_\_  
você tem corpo de \_\_\_\_\_

<sup>7</sup> Cecilia Pavón, *Caramelos de anis* (Ediciones Belleza y Felicidad, 2004).

<sup>8</sup> Franz Kafka, *Diários* (Itatiaia, 2000).

<sup>10</sup> Leslie Kaplan, *O psicanalista* (Companhia das Letras, 2001).

<sup>7</sup> Judith Butler, *Relatar a si mesmo - crítica da violência ética* (Autêntica, 2015).





A certeza de ser homem ou mulher é uma bioficação somatopolítica produzida por um conjunto de tecnologias do corpo, técnicas farmacológicas e audiovisuais que determinam e definem o alcance das nossas potencialidades somáticas e funcionam como próteses de subjetivação. O gênero é um programa operacional capaz de desencadear uma proliferação de percepções sensoriais sob a forma de afetos, desejos, ações, crenças e identidades. Um dos resultados característicos desta tecnologia de gênero é a produção de um saber interior sobre si mesmo, de um sentido do eu sexual que aparece como uma realidade emocional para a consciência. “Sou homem”, “Sou mulher”, “Sou heterossexual”, “Sou homossexual”, “Sou transexual”: estas são algumas das formulações que condensam saberes específicos sobre si mesmo, agindo como núcleos biopolíticos e simbólicos rígidos em torno dos quais é possível aglutinar todo um conjunto de discursos e práticas performativas<sup>11</sup>.

não imagino não não consigo imaginar não imagino  
nunca imagino céu

#### TESTE 4<sup>12</sup>

E por que não esereves danças? Esereve! Dança! A eserita dança é para ti, tu és para ti, teu corpo é teu, agarra-o. Eu sei por que não escreveste dançaste. (E por que eu mesma não eserevi dancei antes de vinte

e sete anos). Porque a eserita dança é ao mesmo tempo o demasiado alto, o demasiado grande para ti, é reservado aos grandes; que “besteira”! Aliás, escreveste dançaste um pouco, porém às escondidas.

Isso não é bom, mas porque era escondido, tu te punias por eserever-dançar, e não ias até o fim; ou, ao eserever dançar, irresistivelmente, como nos masturbamos às escondidas, não era para ir mais longe, mas para amenizar um pouco a tensão, apenas o suficiente para que o demasiado cessasse de atormentar. E, em seguida, logo que gozamos, nos precipitamos a nos culpabilizar – para se fazer perdoar –; ou a esquecer, a enterrar, até a próxima:

<sup>11</sup> Paul B. Preciado. *Testo Junkie - sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica* (n-1 edições, 2018).

<sup>12</sup> Hélène Cixous, *O Riso da Medusa* (1975).



É *claro* que quando atravessamos a rua na faixa de pedestres achamos que não vamos morrer. É *claro* que desejamos casas com grandes jardins, cercadas de mistério, mesmo não tendo condições para tê-las. É *claro* que espalhamos cartas de amor pelo centro mesmo sabendo que alguém que se chama Valentim pode não encontrá-las. É *claro* que às vezes acenamos de longe antes de saber se fomos ou não ludibriados pelos óculos que esquecemos na mesinha de centro. É *claro* que repetimos várias vezes as frases de efeito mesmo sabendo que elas se desgastam. É *claro* que em algum momento pensamos em nos mudar para um país sem golpe mesmo sabendo que se não caíssemos no oceano seríamos as pessoas cujo país sofreu um golpe, ainda assim. É *claro* que às vezes gostaríamos de ter uma máquina de xerox disponível 24 horas por dia e de graça dentro dos nossos quartos mesmo sabendo que teríamos que pagar por luz e tinta. É *claro* que quando dissemos que o coração era uma cidade aberta, pronta para as paixões imprevisíveis, nós ainda lembrávamos que ele é, na realidade, um órgão (eu acho que lembrávamos, talvez não).

Já tem algum tempo que estamos no mundo e sabemos que não estamos aqui pelo que dá certo. Estamos aqui pelo que dá errado. Não nos cobrem explicações certeiras, pontuais e definitivas. Nós gostamos dos processos. Nós gostamos das experimentações (ex: cair muitas vezes do alto de uma estrutura para descobrir coisas as quais não descobriríamos se não repetíssemos as quedas do alto de tal estrutura etcetc

são muitos exemplos, um dia falaremos apenas deles).

sinto concretamente que é hora de parar de adotar  
clareza como sinônimo de *compreensão*

eu conheço essa mulher ela é mãe ela deu uma entrevista para uma revista ela é *famosíssima* ela disse assim para a jornalista nós adoramos nos divertir no nosso tempo livre nós vamos a parques e fazemos programas *bem família* mas eu conheço essa mulher ela me disse que na verdade no tempo livre ela escova os dentes que ela gosta mesmo é de escovar os dentes até sangrar a gengiva

“Eu escrevo mulher: faz-se necessária que a mulher escreva a mulher”<sup>13</sup>

existem narrativas sobre a origem do mundo em que as pessoas dançam  
narrativas em que o mundo começa em dança

auto autor autora autoria autores autoras autoral  
autorizo autorize autoriza autorama autorais  
autopeça autovetor autovalor autorizou autorizes  
autorizem autorizei autorizas autorizar autorizam  
autorizai autoramas autopeças autonomia automóvel  
automotor automação autógrafo autografe autografa  
autocrata autorizado autorizada autoridade  
autopsiado autopsiada autonomeou autonomeio  
autonomeie autonomeia autonomeei autonomear  
automóveis automático automática automações  
automatizo automatize automatiza autografo  
autografes autografem autografei autografas  
autografar autografam autografaí autodidata  
autodefesa autocratas autocracia automaticamente  
autografássemos autografaríamos autofinanciemos  
autofinanciavas autofinanciavam autofinanciaste  
autofinanciasse autofinanciarão automobilísticos  
autocríticos autoconfiança autobiográficas

Palavras Usadas Potência Gesto Movimento  
Deslocamento Afetação Energia Espaço Radical  
Em Quais Outras Palavras Você Queria Dançar

achei bagunçado e sem respiro você está falando do que do texto sim

“Quase toda a história da escrita se confunde com a história da razão, na qual ela é ao mesmo tempo o efeito, a sustentação e um dos álibis privilegiados. Ela tem sido homogênea à tradição falocêntrica. Ela é o próprio falocentrismo que goza de si mesmo e se felicita”<sup>14</sup>

<sup>13</sup> Helène Cixous, *O Riso da Medusa* (1975).

<sup>14</sup> Helène Cixous, *O Riso da Medusa* (1975).

dá para ler *numa sentada*  
não

ela prefere ficar *de pé*  
sim

atentar-se ao racismo da língua (de tudo), o racismo do pensamento (sentir), o racismo epistemológico (relação), ideias como as de *genialidade, razão, clareza, limpeza, síntese*

todas elas surgem de relações coloniais de epistemicídio e servidão quando a escravidão transcontinental permitia que alguns *pensassem* e outros não que alguns *fossem* e outros não quando a escravidão transcontinental permite que alguns *pensem* e outros não que alguns *sejam* e outros não talvez se a branquitude não tivesse feito de sua cor motivo de *qualidade* usaríamos escurecer

talvez *tempos sombrios* não designariam *tempos ruins*

“O que importa ressaltar é a implicação do corpo no ambiente, que cancela a possibilidade de entendimento do mundo como um objeto aguardando um observador”<sup>15</sup>.

existem narrativas sobre o fim do mundo em que as pessoas *dançam*  
*narrativas em que o mundo termina em dança*

<sup>15</sup> Helena Katz, *Escrítica: o lugar e o papel do pensamento crítico agora* (Funceb, 2014).

#### TESTE 5<sup>16</sup>

Eserevo Danço a partir da feiura e para as feias, as caminhoneiras, as frígidas, as mal comidas, as incomíveis, as histéricas, as taradas, todas as excluídas do grande mercado da boa moça. E começo assim para que tudo fique bem claro: não me desculpo de nada.

Empatia não é e nem será suficiente para os nossos dias. Nós precisaremos ativar e fazer a manutenção de um *amor radical*.

você ainda acredita que ainda existam danças ainda não dançadas

**eu também**

---

Francisco Mallmann atua na intersecção entre poesia, performance, dramaturgia e crítica de arte. É graduado em Artes Cênicas pela Faculdade de Artes do Paraná (FAP) e em Comunicação Social – Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). É artista residente na Selvática Ações Artísticas e idealizador e editor do site de escritos críticos e reflexivos ***Bocas Malditas – cena, crítica e outros diálogos***. É autor do livro ***haverá festa com o que restar*** (Urutau, 2018) e mestre em Filosofia (PUCPR). Pesquisa crítica e curadoria de arte contemporânea. Escreveu sobre a ***Mostra Solar*** a convite de Carmen Jorge e Loa Campos.

<sup>16</sup> Virginie Despentes, *Teoria King Kong* (n-1 edições, 2016).



# MOSTRA SOLAR · 2018

A MOSTRA SOLAR 2018 vem lançar luz sobre os artistas da Dança de Curitiba. Surge com olhar atento e curioso pelos caminhos que a linguagem pode percorrer, pela liberdade de assumir riscos e com o intuito de divulgar a ação de artistas Curitibanos ao lado de artistas que dançam pelo mundo.

**Artistas | Trabalhos | Imagens:** (1) Capa: Gládis Tridapalli *Maria Samambaia Palestra* | Foto: Paula Kosloswki; (2) Alessandra Lange *“Mãe um ensaio sobre ela”* | Foto: Cayo Vieira; (3 e 12) Lívea Castro *Vilosedade* | Fotos: Cayo Vieira; (4) Gabriel Machado *“Mil besos”* | Foto: Amira Massabki; (5) Marila Velloso *“Presef”* | Foto: Filipe Britto; (6) Gládis Tridapalli *“Maria Samambaia Palestra”* Foto: Paula Kosloswki; (7) Fábio Tavares *“Amanhã foi cancelado”* | Foto: Cayo Vieira; (8) Volmir Cordeiro *“CÉU”* | Foto: Laurent Friquet; (9) Juliana Adur *“Peixe-espada – Como sobreviver em alto mar”* | Foto: Elenize Dezgeniski; (10) Gládis Tridapalli *“Maria Samambaia Palestra”* | Foto Paula Kosloswki; (11) Marila Velloso *“Presef”* | Fotos: Carmen Jorge e Deivison Souza; (13) Gabriel Machado *“Mil besos”* | Fotos: Cibelle Gaidus e Amira Massabki; (14) Gládis Tridapalli *“Maria Samambaia Palestra”* | Foto Paula Kosloswki

**Consultora de Dança:** Carmen Jorge

**Realização:** Prefeitura Municipal de Curitiba, Fundação Cultural de Curitiba, Fundo Municipal de Incentivo à Cultura e ICAC – Instituto Curitiba de Arte e Cultura

A Mostra foi realizada no período de 24 de outubro a 11 de novembro de 2018 na Casa Hoffmann – Centro de Estudos do Movimento.

**AQUI DANÇAR – SOBRE A MOSTRA SOLAR**

21/12/2018